

Entre o céu e as caldeiras: <i>espectros</i> desconstrutivos em “Agda”, de Hilda Hilst <i>Lilia Loman</i>	169
A literatura da leveza <i>Luciene Azevedo</i>	179
Narrativa, técnica e tecnologia: “Contos da meia-noite” <i>Márcio Serelle</i>	197
Ilustração: o duplo estatuto da relação palavra e imagem <i>Maria José Palo</i>	215
Imagem e escritura – Manuel Puig e o campo literário hispano-americano <i>Maurício de Bragança</i>	235
Do fular ao tapete (Uma leitura de <i>Avalovara</i> , de Osman Lins) <i>Sandra Nitrini</i>	259
A inscrição do feminino/masculino na literatura e na arte contemporâneas <i>Tania Alice Feix</i>	273
Palavra, imagem e construção poética <i>Vera Bastazin</i>	285
<b>Pareceristas</b>	<b>305</b>
<b>Normas da revista</b>	<b>307</b>

## Apresentação

A Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic) oferece, mais uma vez, aos pesquisadores associados e demais interessados, um conjunto de ensaios sobre “Literatura e imagem” rigorosamente selecionados ao longo de 2007.

Ter em mãos a 10<sup>a</sup> *Revista de Literatura Comparada* significa mais uma conquista para a comissão diretora da atual gestão. Escolher e propor uma temática diante de tantas possibilidades de eixos de pesquisa, assim como receber e selecionar os ensaios foi tarefa que envolveu organização, critérios rigorosamente definidos e, sem dúvida, colaboração de pareceristas competentes e disponíveis para a realização de tão árdua atividade. Vencemos o percurso. Agora, apresentamos os resultados e dividimos com todos os estudiosos e amantes da literatura a oportunidade de conhecer e refletir sobre questões discutidas por nossos pares, conforme interesse e recortes de diferentes teorias, críticas, enfoques historiográficos; enfim, de uma diversidade de poéticas que motivam e alimentam nossas reflexões acerca do fenômeno literário.

Importante ressaltar ainda que os ensaístas presentes neste número são expressivos também em relação às diferentes instituições educacionais às quais estão vinculados. Do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro, de São Paulo a Pernambuco, Bahia e Minas Gerais, as grandes universidades estão representadas por pesquisadores, que marcam sua presença, colaborando com textos de qualidade e relevância na crítica literária.

Passamos, então, a apresentar alguns indicativos sobre os textos aqui reunidos, na perspectiva de situar e esti-

mular a leitura de todos aqueles que hoje têm em mãos este exemplar.

Em “O avesso do avesso do avesso. Linhas retas e oblíquas da paródia na telenovela brasileira”, Biagio D’Angelo estabelece um diálogo entre a tela como tecido televisivo e cinematográfico, e o texto poético – na música e na literatura – para discutir convergências entre cultura de massa e reflexões literárias. O conceito de paródia é um dos fundamentos teóricos do ensaio, que se movimenta do gênero televisivo aos folhetins clássicos, passando pelo romance, pelo cinema e pelas novelas televisivas.

Em “*Silence becomes you* (2005): a linguagem híbrida do filme contemporâneo”, Brunilda T. Reichmann detém-se na narrativa cinematográfica de Stephanie Sinclair e seus artifícios de cor, imagem e não-linearidade para estabelecer relações entre a realidade e a ficção. O objetivo do ensaio é apontar o realismo maravilhoso como forma de ampliação das leituras poéticas que colocam em destaque o filme de Sinclair, poemas de Christina Rossetti e John Donne e a canção medieval *Rose*.

Em “Paisagens imaginárias: fragmentos de cultura, palavra e imagem”, Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo reflete sobre a construção da paisagem a partir da palavra literária na relação arte e ciência e da pintura de Guignard. Fragmentos estéticos e literários são responsáveis, conforme mostra a autora, pela paisagem em nosso imaginário cultural.

Em “Caminhos de eros sob a ótica da *cristalização*. Uma mirada sobre as figuras literárias de Heloisa, Mariana Alcoforado e Adèle Hugo”, Délia Cambeiro apresenta uma reflexão sobre a incompletude amorosa a partir do conceito de cristalização, proposto por Stendhal. O comportamento de três mulheres, de diferentes períodos histórico-literários, coloca um eixo centralizador que permite a observação das vivências afetivas que revelam a incompletude amorosa e seus possíveis significados: como conhecimento transformador ou como perda de referencialidade do real.

Em “Da palavra-imagem à imagem-palavra: análise do *incipit* fílmico de *LavourArcaica*”, João Manuel Santos

Cunha propõe um trabalho comparatista entre o romance de Raduan Nassar e a versão fílmica de Luiz Fernando Carvalho. O trabalho, como facilitador de contatos entre as duas diferentes formas de criação de linguagem, rompe limites e aproxima a narrativa literária e fílmica, denunciando a confluência de poéticas como um exercício de produção e ampliação de sentidos.

Em “Imagens e espaços da melancolia: W.G. Sebald e Anselm Kiefer”, Leila Danziger elege a questão da melancolia como eixo de reflexão sobre obras literárias e obras do universo das artes visuais. A partir de Dürer e sua gravura *Melencolia I*, produzida no Renascimento, a autora observa marcas de representação semântica que se ampliam e fortalecem em outros momentos da história da arte e da literatura no período entre o século XVI e a modernidade.

Em “Ver e sentir: Stendhal e as artes visuais”, Leila de Aguiar Costa propõe acompanhar Stendhal em suas observações sobre as belas artes italianas e francesas para chegar à escritura do poeta marcada, predominantemente, pela visão e emoção.

Em “Entre o céu e as caldeiras: espectros desestruturados em ‘Agda’, de Hilda Hilst”, Lilia Loman aborda dois contos selecionados de Hilda Hilst para problematizar a personagem literária como uma categoria em trânsito entre a verdade e o sonho, a forma e a ofuscação. Análise dos textos evidencia o movimento espectral e ambivalente que caracteriza a poética de Hilst.

Em “Narrativa, técnica e tecnologia: ‘Contos da meia-noite’”, Márcio Serelle investiga as estratégias enunciativas do programa “Contos da meia-noite” (TV Cultura), examinando as categorias autorais atuantes na transposição da literatura para a tela, bem como o diálogo entre os modos de representação épico e dramático. O ensaio propõe, ainda, o estudo dos aspectos temporais da série, identificando suas relações com a concisão do gênero literário conto e os possíveis efeitos na recepção televisiva. O estatuto dado ao narrador, entidade ficcional que, no programa, é moldada simultaneamente pelas raízes orais do conto e pela experiência midiática também faz parte dos objetivos do autor.

Em “A literatura da leveza”, Luciene Azevedo discute a função da literatura contemporânea em relação à hegemonia da imagem. Na tentativa de criação de novos parâmetros para a refuncionalização da literatura, a autora utiliza como ponto de referência reflexiva as propostas de Ítalo Calvino, dando destaque para a função da leveza. Num mundo midiático, diz o texto, talvez seja a linguagem da leveza a melhor interface para a captação da imagem da realidade contemporânea.

Em “Ilustração: o duplo estatuto da relação palavra e imagem”, Maria José Palo trabalha a ilustração do livro, construindo argumentos que evidenciam as relações entre a palavra e a imagem de forma a questionar a distinção entre elas como único elemento diferenciador. O propósito do ensaio é, portanto, diferenciar o tratamento do duplo estatuto do binômio na composição do objeto literário.

Em “Imagem e escritura – Manuel Puig e o campo literário hispano-americano”, de Maurício de Bragança, a relação literatura e imagem é problematizada a partir dos escritos de Manuel Puig. Considerando a imagem iconográfica e o repertório hollywoodiano, o autor elege materiais da indústria cultural e eleva-os ao *status* de literário, criando novas relações e colocando em desequilíbrio valores já canonizados por grandes ícones da literatura argentina como é o caso de Jorge Luis Borges.

Em “Do falar ao tapete” (Uma leitura de *Avalovara*, de Osman Lins), Sandra Nitrini estuda a obra de Osman Lins da perspectiva de uma escritura que se revela pelo paralelismo estabelecido entre personagens e quadros. O recurso, próprio da literatura, consiste na utilização de figuras de linguagem como comparação e metáfora que se constroem lado a lado a outros recursos próprios da pintura. Esse desvelamento de procedimentos, conforme mostra o ensaio, é um dos evidenciadores do lugar ímpar do escritor na literatura brasileira.

Em “A inscrição do feminino/masculino na literatura e na arte contemporâneas”, Tania Alice Feix investiga produções literárias, teatrais e plásticas, buscando observar a

inscrição do masculino/feminino na arte. O ensaio mostra que o fato de as mulheres também tomarem para si a criação literária fez emergir novos eixos de representação, invertendo esquemas tradicionais da expressão do corpo feminino pelo homem e do processo de criação masculino/feminino.

Em “Palavra, imagem construção poética”, Vera Bastazin mostra que literatura e cinema constituem linguagens não predominantemente marcadas por informações, mas por formas imagéticas de *dizer*. Assim como o filme se faz com imagens em movimento, a literatura transveste a palavra da potencialidade imagética – qualidade fundamental da poética. Transitar por especificidades de linguagens permite descobrir elementos comuns aos dois códigos, num processo de conscientização de que literatura e cinema se nutrem, reciprocamente, de técnicas e procedimentos que os enriquecem como linguagens e qualidade estética.

Vera Bastazin